

O papel do Congresso

JORNAL DE BRASÍLIA Ignácio de Aragão

24 MAR 1990

O País precisa dar-se conta de que o Governo Collor existe apenas há uma semana. Parece muito mais tempo, é verdade, porém são só oito dias. E nesse curíssimo período, o Plano do Governo, excetuados alguns aspectos menores, no todo está dando certo. Despencou o dólar americano e com ele o mercado do ouro, preferidos dos especuladores. Os preços das mercadorias baixaram a cabeça, os juros do over, que regulam muita coisa neste País, seguiram o mesmo caminho descendente. A máfia que dava forma ao crescimento da inflação foi, ou está sendo, derrotada. Há ínguas na musculatura do Plano, nos ditos aspectos menores, mas a cura delas não afetará, certamente, o complexo do organismo e poderá ser feita sem a necessidade do mesmo bisturi aplicado no Brasney, isto é, o Brasil que Sarney nos legou a 15 de março.

A maior parte do povo brasileiro está ao lado do Plano do Governo, não só como indicam as pesquisas, mas pela convicção de todos de que estávamos realmente perdidos e este Plano decidirá se nos salvamos ou não. A bala da agulha do Presidente não era só dele, era do povo brasileiro também. Não se tinha outra alternativa, senão um

tratamento de choque, como este que está sendo feito. Durante cinco anos, Sarney usou ministros da Fazenda tidos como competentes, endeusados pelo PMDB e pelo próprio Congresso, e nenhum deles acertou o caminho. O ex-presidente saiu com uma inflação beirando os 100%, dizendo que não tinha conseguido dominá-la e entregando a mão à palmatória. Uma semana depois, tudo mudou para o País. Não há, portanto, como não apoiar o Presidente e o seu Plano. Até 72% dos que votaram em Lula, no segundo turno, já aprovam o Governo Collor. Até os sofrimentos e as dificuldades compensam-se pelos resultados conseguidos e as pequenas correções dos errinhos de dosagem terão que vir, pela mão do Presidente, porque nada é perfeito e ele sabe disso melhor do que ninguém.

Não é o caso do Congresso, nessa hora, ficar procurando pelo em casca de ovo, para desqualificar o Plano. O País tem a perfeita consciência de que os srs. senadores e deputados ao longo da presente legislatura, não fizeram leis nem correções no Governo Sarney, que obstassem a inflação e seu gigantismo. No ramo, foram incompetentes. Não são eles, portanto, que

têm, agora, o direito de fazer correções no Plano Collor, que está dando certo apesar do pessimismo deles. Que o aprovem, sem demora, nem muita conversa fiada, é o mínimo que eles podem proporcionar ao povo para limpar a cara.

Cabe ao Congresso o único dever de compatibilizar o Plano com as leis existentes, para que a Constituição não seja molestada, porém essa compatibilização não deve mudar seu conteúdo. Sabemos que leis elaboradas por economistas ressentem-se, muitas vezes, da falta de preciosismos jurídicos indispensáveis; aí, é que está a função primordial do Congresso, ajustando a luva ao tamanho da mão. Cabe ao Congresso fazer uma construção legislativa adequada para que o Brasil novo do Presidente Collor não venha a confundir-se com o Brasil Novo de Getúlio, em 1930, nem seguir-lhe o mesmo caminho. Nossos congressistas devem mirar-se no exemplo de Lindolfo Collor, que chegou a romper com Vargas, quando a política deste começou a derrapar. Resguardem a Constituição e o primado da lei, preservem os direitos individuais duramente conquistados, mas deixem que, da economia, tratará o Presidente.